



GIOVANA DE AZEVEDO SILVA

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA E A
SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**LAVRAS – MG
2023**

GIOVANA DE AZEVEDO SILVA

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA E A SUA RELAÇÃO COM
AS PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof (a). Ludmila Magalhães Naves
Orientadora

**LAVRAS – MG
2023**

GIOVANA DE AZEVEDO SILVA

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA E A SUA RELAÇÃO COM
AS PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**THE DEVELOPMENT OF WRITTEN LANGUAGE AND ITS RELATIONSHIP
WITH STORYTELLING PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em 27 de novembro de 2023

Dr.(a) Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Dr.(a) Fernanda Barbosa Ferrari

Prof (a). Ludmila Magalhães Naves
Orientadora

**LAVRAS – MG
2023**

Aos meus pais, que, desde o início do meu processo de formação, me deram apoio, carinho, força e afeto. Que sonharam junto comigo, que me proporcionaram uma educação de qualidade e me fizeram ser completamente apaixonada por educar, a vocês:

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que colocou esse sonho da graduação em meu coração e me permitiu que fosse possível realizá-lo. Que foi meu sustento, base e proteção durante toda essa jornada. Agradeço também aos meus pais, Isaías de Azevedo Silva e Rosa Aparecida Ferreira Silva, meus incentivadores, aqueles que dedicaram, e que dedicam, suas vidas para que esse sonho seja realidade e a quem dedico todo o meu conhecimento, meus valores e minhas conquistas. Obrigada por sonharem comigo e me motivarem a seguir adiante. Agradeço aos meus irmãos, Wesley Patrick de Azevedo Silva e Welder Douglas de Azevedo Silva, que sempre me protegem e me ensinam, aos quais devo imenso respeito e carinho. Agradeço à minha orientadora, Ludmila Magalhães Naves, peça fundamental no desenvolvimento desse estudo, que me acolheu com tanto cuidado, dedicou seu tempo e seus conhecimentos para me orientar e me auxiliar com tanto zelo, em todas as etapas desse processo. Agradeço aos meus amigos, familiares e colegas de curso que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. À todos que sonharam junto comigo, minha profunda gratidão.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo compreender como a prática de contação de histórias pode favorecer e influenciar o desenvolvimento da linguagem escrita, na Educação Infantil. O estudo, de cunho qualitativo, utilizou-se de pesquisas bibliográficas para a exploração da temática desenvolvida, seguida de uma proposta de sequência didática. Para tanto, ampara-se nos estudos de Lev Vygotsky, Magda Soares e Ligia Cademartori, sobre contação de histórias, linguagem escrita e literatura infantil. Sabe-se que a contação de histórias é um mecanismo de extrema relevância, que colabora para o desenvolvimento e apreensão de novos conhecimentos por meio de práticas lúdicas e significativas. Essa prática contribui com o desenvolvimento emocional, físico e cognitivo e pode ser também uma forma de proporcionar, às crianças, a apreensão de novas culturas, novas compreensões sobre o mundo e novas concepções sobre si mesmas. É válido ressaltar a relação direta que a prática de contação de histórias tem com o desenvolvimento da linguagem escrita, considerando que, a partir da leitura, dos estímulos proporcionados pelas histórias e pelos processos imaginativos, abre-se uma gama de oportunidades para que novos processos de aprendizagem sejam construídos, promovendo o desenvolvimento da língua escrita.

Palavras-chave: Contação de histórias. Linguagem escrita. Literatura infantil. Educação Infantil. Sequência didática. Formação leitora.

ABSTRACT

The primary objective of this research is to ascertain how the practice of storytelling can facilitate and influence the development of written language in Early Childhood Education. This qualitative study has employed a comprehensive literature review to delve into the subject matter, subsequently introducing a didactic sequence proposal. In pursuit of this objective, this study draws upon the works of esteemed scholars such as Lev Vygotsky, Magda Soares, and Ligia Cademartori, whose research pertains to storytelling, written language, and children's literature. Storytelling is widely acknowledged as a mechanism of paramount significance, contributing to the development and acquisition of fresh knowledge through engaging and meaningful practices. This practice significantly contributes to emotional, physical, and cognitive development and concurrently serves as a means to provide children with exposure to diverse cultures, enhanced understandings of the world, and a refined sense of self. It is worth underscoring the direct correlation that exists between the practice of storytelling and the development of written language. Through the act of reading, the stimuli engendered by narratives, and imaginative processes, an array of opportunities unfolds for the construction of novel learning processes, thereby promoting the advancement of written language.

Keywords: Storytelling. Written language. Children's literature. Early Childhood Education. Educational sequence. Reader formation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	O que nos dizem os documentos e os teóricos	11
2.2	As práticas de contação de histórias (historicidade)	15
2.3	A figura do narrador	17
2.4	Linguagem escrita	19
2.5	Literatura infantil	21
3	SEQUÊNCIA DIDÁTICA	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Partindo da premissa que as práticas de contação de histórias contribuem significativamente para o desenvolvimento da criança, a presente pesquisa aborda o desenvolvimento da linguagem escrita e a sua relação com as práticas de contação de histórias na Educação Infantil. A contação de histórias é um recurso que favorece o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que “dá ênfase a capacidade de criação da criança, ampliando os horizontes de sua imaginação, tornando-se uma atividade promotora da formação leitora da criança” (SILVA et al, 2019, p. 5). Desse modo, é possível afirmar a relação direta que a contação de histórias estabelece com a linguagem escrita, dado que, a leitura, os estímulos literários e a imaginação proporcionam novos processos de aquisição de conhecimento e, conseqüentemente, novas aprendizagens, promovendo o desenvolvimento da escrita.

Vygotsky (1991), em seus estudos, considera que o processo de desenvolvimento do indivíduo não depende apenas das funções orgânicas, intrínsecas ao ser humano, que amadurecem naturalmente ao longo tempo, ao contrário, o desenvolvimento acontece por meio do contato com o mundo e com os outros indivíduos. Dessa forma, as relações sociais tornam-se transformadoras na construção dos significados e das aprendizagens dos sujeitos e, dentro desse cenário, enfatiza a importância do brinquedo e da brincadeira para proporcionar o desenvolvimento infantil. Com base nessas considerações, a pesquisa relaciona a influência da contação de histórias, enquanto instrumento lúdico, para proporcionar maior desenvolvimento da linguagem escrita na Educação Infantil, de forma prazerosa, interativa e capaz de oportunizar a produção de cultura e de conhecimento para as crianças.

E são justamente tais considerações que motivaram o desenvolvimento da minha pesquisa sobre a temática, que se mostra intimamente entrelaçada à aspectos pessoais vinculados à minha infância. Desde os meus primeiros anos, a prática de ouvir histórias esteve presente no meu dia a dia e nas minhas brincadeiras de faz de conta. Quando pequena, gostava de memorizar as histórias contadas por minha mãe, ou por minhas professoras na escola, e depois recontá-las, imaginando que eu estivesse, de fato, lendo aquela história. Me recordo de um episódio da minha infância, quando tinha por volta de três ou quatro anos, e fui convidada pela minha professora para contar a história “Chapeuzinho Vermelho”, para todas as crianças, em um evento que a escola estava promovendo. Essa era minha história preferida naquele momento, e foi a primeira que aprendi a contar, antes mesmo de aprender a ler, o que torna a minha relação com os contos e com a leitura, muito significativa. Cresci apaixonada por livros, o que, possivelmente, me incentivou a aprender a ler muito rápido, para que pudesse desfrutar

do prazer da leitura ainda mais. Através de todas as minhas vivências, percebo com clareza o quanto a literatura infantil é capaz de instigar o prazer pela leitura e, de forma satisfatória, promover o desenvolvimento da capacidade de leitura e de escrita das crianças. Diante desse cenário, considero de suma relevância que essa temática seja abordada, tendo em vista colaborar com o crescimento pessoal e intelectual das crianças e dos indivíduos em geral.

A prática de contação de histórias pode ser considerada uma atividade de suma importância no desenvolvimento cognitivo, pessoal e cultural das crianças. Faria et al. (2017) destacam que essa prática contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, dado que ela proporciona prazer e espaço para a imaginação prosperar, além de subsidiar a aproximação do real com as fantasias, que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Essas afirmações revelam o quanto a contação de histórias pode favorecer as crianças no que diz respeito às novas experiências impulsionadas pela transição entre o mundo real e o imaginário. A ludicidade, oportunizada pelas histórias, colabora diretamente com a aprendizagem e a obtenção de novos estímulos e saberes. Reis (2020), aponta que o lúdico simboliza o processo de aprendizagem e descoberta do ser humano, dado que a espontaneidade é um aspecto fundamental para uma vida saudável, na qual a criança amplia sua potencialidade criadora. E, nesse cenário, a literatura infantil ganha espaço se considerarmos que, de acordo com Cademartori (2010), quando compartilhada com as crianças por meio de contação de histórias, é uma ferramenta eficaz para permitir que, durante o processo de aprendizagem, a criança amplie suas experiências expressivas anteriores, ou seja, vivências que ela já experimentou podem ser exploradas.

O processo de aquisição da linguagem escrita é, segundo Santos et. al. (2018), um elemento fundamental para o desenvolvimento cultural da criança, dado que, desde cedo, ela está em contato com a cultura escrita, ou seja, esse processo incentiva a construção do sujeito em interação com o ambiente social. Albuquerque e Leite (2010), mencionam que, quanto mais possibilidades forem dadas as crianças de, por meio de atividades lúdicas, serem estimuladas a pensar e refletir sobre o funcionamento da escrita alfabética e a vivenciarem diferentes práticas de leitura e escrita, mais serão despertadas e encorajadas a se envolverem com a língua escrita e, a partir desse envolvimento, os conhecimentos importantes para o processo de alfabetização são potencializados.

A partir dessas considerações, a metodologia empregada neste estudo possui abordagem qualitativa de caráter exploratório. Para tanto, utilizou-se de revisão bibliográfica para maior compreensão e exploração do tema, permitindo a elaboração de uma análise reflexiva acerca

dos conceitos abordados e a construção de uma proposta de sequência didática, baseada na obra *O monstro das cores* de Anna Llenas, voltada para a Educação Infantil, com crianças de quatro e cinco anos de idade. O estudo baseia-se principalmente nas considerações de Vygotsky (1991, 2009), Soares (2004, 2014), Cademartori (2010, 2014), além de outros autores e autoras que contemplam as temáticas do desenvolvimento da linguagem escrita, contação de histórias e literatura infantil, com vista a enriquecer o trabalho desenvolvido.

O problema de pesquisa fundamenta-se no seguinte questionamento: as práticas de contação de histórias podem contribuir para o desenvolvimento da escrita e contribuir para a formação leitora de crianças na educação infantil? Além disso, essa pesquisa apresenta como objetivo geral compreender como a prática de contação de histórias pode favorecer e influenciar o desenvolvimento da linguagem escrita, na Educação Infantil. Os objetivos específicos incluem: perceber práticas que favorecem o desenvolvimento da linguagem escrita na Educação Infantil, examinar a importância dos diferentes contextos e da mediação do professor no momento da contação de histórias, pensar o processo de aquisição da linguagem escrita por meio de uma proposta de sequência didática baseada em um livro de literatura infantil.

Considerando que essa prática colabora com a apreensão de novos conhecimentos, e que, de acordo com Sousa (2014), ela é uma ferramenta para o processo de ensino aprendizagem, fica claro sua influência no contexto escolar e na produção de novos saberes. Silva (2012) afirma que a criança, antes de dominar o alfabeto, visualiza o valor da linguagem, através das leituras feitas para ela, das expressões e dos ritmos a ela oferecidos. Tais abordagens evidenciam a importância de atrelar a leitura à linguagem, no intuito de proporcionar às crianças uma visão e uma percepção mais abrangente sobre o valor da língua.

O trabalho apresenta, primeiramente, uma análise dos documentos que tratam sobre o processo de alfabetização na Educação Infantil, bem como aspectos sobre linguagem, leitura e contação de histórias. Em seguida, menciona a historicidade que envolve o ato de contar histórias e a importância da figura do narrador nesse processo. Posteriormente, discorre sobre os conceitos de linguagem escrita e de literatura infantil. Ademais, apresenta uma proposta de sequência didática, que se ampara nos conceitos abordados e, finalmente, as considerações finais sobre este estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O que nos dizem os documentos e os teóricos

A presente pesquisa trata-se de uma investigação no cenário educacional, o que exige destacar e avaliar o que os documentos nacionais informam sobre a temática abordada. De acordo com a Política Nacional de Educação Infantil - PNEI (BRASIL, 2006, p. 8) “atualmente, emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido”. Partindo desse pressuposto, atestamos a relevância de desenvolver, logo nos seus primeiros anos, práticas que as coloquem de frente com o exercício da cidadania. Exercer a cidadania aqui é entendido como as diversas possibilidades de vivenciar práticas sociais que compõem a cultura de uma sociedade e se familiarizar com as mesmas. Nesse contexto, a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, “possui um papel essencial para o presente e futuro de todas as crianças, para que se tornem cidadãos reflexivos e ativos na sociedade” (PINHEIRO; ZIEDE, 2014 p. 81).

O processo de alfabetização na Educação Infantil é considerado um tema complexo para alguns autores, isso porque alguns defendem a ideia de que é direito das crianças conviver, desde seus primeiros anos, com universo letrado, enquanto outros se opõem a essa concepção. Entretanto, é inegável a relevância da Educação Infantil como um ambiente favorável para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, com medida e sem prematurar, as práticas de alfabetização próprias do Ensino Fundamental. A escrita está diretamente relacionada à cultura da sociedade, e por isso é tão importante que essa prática seja dominada, de acordo com Vygotsky (1991):

[...] a escrita, deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas, e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. (VYGOTSKY, 1991, p.79).

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), documento normativo que propõe e define o conjunto de habilidades fundamentais que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica, revela a importância e a manifestação da curiosidade da criança com a linguagem escrita, quando menciona:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita,

dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p. 42).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010) indicam como podemos integrar a linguagem escrita ao cotidiano das crianças sem lesionar sua singularidade e a função da Educação Infantil, estabelecida pelo documento, o qual afirma:

[...] a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2010, p. 30).

A priori, deve-se destacar que a linguagem escrita se integra ao campo das múltiplas linguagens relacionadas pelas crianças, ou seja, linguagem oral, corporal, musical, visual, entre outras. Nessa perspectiva, é essencial que a escrita seja desempenhada de forma expressiva, para que as crianças possam significar a experiência com esse método e seus símbolos. A escrita deve desempenhar funções sociais para as crianças, o que certifica a importância de que ela não seja dissociada dos outros meios de manifestação e interação necessárias para que elas compreendam, signifiquem, produzam e transformem o mundo. A Educação Infantil deve proporcionar experiências que favoreçam a percepção das crianças sobre as lógicas da língua escrita, deixando-as adaptadas com os contextos, as situações e as funções sociais onde esse método é empregado, dessa forma “a Educação Infantil se torna, então, um espaço privilegiado para que se promova nas crianças esse interesse pela leitura e pela escrita, uma vez que não há o compromisso com a alfabetização” (ESPÍNDOLA; NOGUEIRA, 2022, p. 4).

De modo geral, pode-se dizer que o processo de inserção da criança ao universo das múltiplas linguagens, em especial a linguagem oral e escrita, envolve desde a organização dos espaços, dos materiais e do tempo, até a interação com a biblioteca, os livros e o universo imaginário que esse campo proporciona. Outro aspecto relevante é a escolha dos livros e das histórias que irão compor esse repertório. Nesse processo, a contação de histórias é elemento

essencial para promover a formação da leitura, a consciência fonológica e a exploração lúdica e criativa. Sobre essa perspectiva, Carvalho e Pereira (2016), afirmam:

Entre as práticas adotadas, a opção de escolha pela narração de histórias revela na realidade da Educação Infantil, o desejo por parte desse professor, de no contexto escolar, apresentar o texto literário, de maneira a trazer a vivência lúdica e imaginativa que a literatura oral e escrita favorece nestes contatos iniciais com as linguagens orais e escrita. (CARVALHO; PEREIRA, 2016, p. 208).

As práticas de contar histórias, em geral, são extremamente valorizadas pelos professores da Educação Infantil sob a perspectiva da introdução literária e do desenvolvimento das habilidades orais e escritas. Diante desse contexto, é comum que o professor recorra à métodos e técnicas pessoais, a partir de suas próprias análises, observações e saberes. Entretanto, é elementar reconhecer a individualidade de cada criança e as bagagens que elas trazem de suas próprias vivências, no sentido de proporcionar uma experiência única e satisfatória na interação com a linguagem escrita, incentivando-as a serem futuros leitores, como afirma Soares (2004):

Por outro lado, o que não é contraditório, é preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro, uma vez que, no quadro desta concepção, não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica. (SOARES, 2004, p. 15).

Do mesmo modo, a BNCC (BRASIL, 2018), também reafirma a importância de admitir e validar os conhecimentos adquiridos pelas crianças no seu ambiente familiar, visando a articulação e a ampliação das suas habilidades, dado que:

[...] as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2018, p. 36).

Nessa direção, o educador torna-se essencial para promover, intencionalmente, o

processo de desenvolvimento na qual a criança é o seu principal agente e produtor de conhecimento. A interação social e as vivências construídas por cada criança permitem a constituição de seu caráter questionador, observador e criador, o que faz com que a presença do professor seja fundamental para que esse movimento aconteça de forma significativa e organizada. Sobre esse contexto, a BNCC (BRASIL, 2018), afirma:

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BRASIL, 2018, p. 38).

Além disso, o professor mediador também se constitui como elemento básico para promover a iniciação das múltiplas linguagens através da leitura e da contação de histórias no cotidiano das crianças. A entonação vocal do contador da história representa e dá ênfase à magia da história, essa atitude “ilustra as experiências e as tentativas que o educador infantil busca para exercer o papel de mediador entre o ouvinte e o mundo do texto” (CARVALHO; PEREIRA, 2016, p. 209). É fundamental que o professor seja capaz de assegurar as caracterizações presentes nas histórias literárias, como uma forma de atrair a atenção e o prazer pela leitura por parte das crianças. A ideia dessa prática é fazer com que a ação pedagógica da leitura se transforme em um objeto de interação direta entre o professor e a criança, atentando para a exploração de novos cenários, reais ou fictícios.

Outro aspecto relevante na prática de contar histórias é a discussão da história com as crianças. Nesse momento, o professor ou professora, introduz uma conversa sobre a história que acabou de contar, abrindo espaço para que as crianças discutam e relatem sobre suas próprias experiências. Esse processo colabora para estimular o uso da linguagem oral e a imaginação, além de provocar uma articulação entre as histórias contadas e suas experiências pessoais. Diante desse cenário, é válido analisar a aproximação das histórias narradas com a realidade das crianças, ou seja, é elementar que elas estejam familiarizadas com o assunto para que possam construir seus próprios discursos narrativos e participar ativamente desse momento

de interação.

A contação de histórias se destaca no campo da Educação Infantil a medida que se constitui como objeto fundamental para o aprendizado e para o ensino da criança, visto que ela associa o universo pessoal da criança com o mundo social no qual ela está inserida, colaborando para seu crescimento, seu desenvolvimento, a produção de novos conhecimentos e sua formação como indivíduo dotado de direitos, um cidadão ativo e essencial na sua sociedade. Além disso, quando realizada através de métodos interativos, otimiza o uso de instrumentos simbólicos à medida que as crianças relatam suas experiências e vivências habituais através da afetividade e da ampliação de seu caráter lúdico.

2.2 As práticas de contação de histórias (historicidade)

A prática de contação de histórias tem sido uma forte aliada no processo de desenvolvimento cognitivo e pessoal dos estudantes. Sabe-se que, ao ouvir uma história, abre-se caminho para despertar algo que havia sido esquecido com a agitação da vida cotidiana, possibilitando novas percepções, novos sentidos e novos saberes.

Existem algumas noções fundamentais que embasam a prática de contar histórias, contudo, antes de elencar cada uma dessas noções é importante compreender e conhecer a historicidade em torno dessa prática. O ato de contar uma história acompanha a humanidade desde a pré-história, quando o homem fazia suas narrativas ao redor do fogo, através da oralidade ou através de pinturas rupestres. De acordo com Élie Bajard, “a origem do homem é marcada pelas histórias contadas, que estabelecem a fronteira com os outros primatas. Homo Sapiens é um primata que conta histórias”. (BAJARD. Prefácio in: PATRINI, 2005, p.13).

O hábito de narrar uma história iniciou-se como uma forma de entreter o homem, ou de transmitir algum tipo de conhecimento. Esse costume tornou-se objeto comum do dia a dia dos indivíduos, sendo até mesmo uma tradição de muitas culturas espalhadas pelo mundo. Uma situação bastante genérica que acompanha essa realidade de narrar histórias inicia-se na infância, antes mesmo da criança começar a frequentar a escola, através das famosas histórias contadas pelos pais ou familiares antes de dormir. Esse hábito reflete a necessidade, intrínseca ao ser humano desde o nascimento, de despertar para a imaginação, no intuito de alcançar a magia, o desconhecido. Contar histórias antes de dormir proporcionam uma série de novas descobertas para a criança, além de contribuir para seu desenvolvimento psíquico e oral, ajudando a desenvolver a fala e, futuramente, a escrita.

Segundo Abreu e Benatti (2021) um estudo¹ com participação do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (IDOR) e da Universidade Federal do ABC (UFABC), em parceria com a Associação Viva e Deixe Viver (Viva), relatou que a contação de histórias pode aumentar a qualidade de vida de crianças internadas em UTIs, através de evidências seguras de impactos fisiológicos e psicológicos favoráveis. Na pesquisa, as crianças foram separadas em dois grupos, um grupo de controle, no qual elas eram engajadas em perguntas de enigmas e de adivinhações, e em outro grupo, no qual os contadores liam histórias infantis para as crianças. As propostas eram realizadas da mesma forma, ou seja, com o mesmo intervalo de tempo. Os pesquisadores coletaram amostras de saliva de cada uma das crianças participantes, no intuito de comparar quais seriam os efeitos de ambas as intervenções a partir das oscilações de cortisol e ocitocina, além do nível de dor que estavam sentindo antes e depois de cada sessão. Constatou-se que as duas intervenções foram positivas para os dois grupos, elas reduziram os níveis de cortisol, aumentaram a produção de ocitocina e diminuíram as dores e desconfortos apontados pelas crianças. Contudo, a maior diferença entre as duas ações é que os resultados obtidos através da contação de histórias foram duplamente melhores do que os resultados do grupo de controle, levando os pesquisadores a concluir que essa diferença se deu em razão da atividade lúdica e narrativa.

A partir dessas considerações, é possível perceber com clareza a influência da contação de histórias em diversos contextos da vida cotidiana. A narrativa proporciona uma interação com um mundo desconhecido e abre espaço para que o indivíduo olhe para dentro de si mesmo e se transforme em um ser ainda mais humano. Bussato (2007), menciona que:

É nesse panorama que vejo a contação de história como um instrumental capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e capazes de “estar com”. [...] Vejo o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva. (BUSSATO, 2007, p.13).

Diante dessas contribuições, é relevante mencionar a presença da contação de histórias como fator essencial na contribuição da ação pedagógica. Inserir a contação dentro do ambiente escolar revela o comprometimento do professor, e daqueles envolvidos com o processo

¹ Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/instituto/idor/estudo-do-idor-revela-que-contacao-de-historias-reduz-estresse-e-aumenta-producao-de-ocitocina-em-criancas-hospitalizadas/>

educativo, de se preservar a imaginação, os sentimentos, as possibilidades, a sensibilidade e a ludicidade. Essa prática deve ser incentivada não apenas em momentos isolados, como por exemplo a hora da leitura e do conto, mas deve fazer parte da sala de aula e da rotina dos alunos, como uma prática que impulsiona a promoção de novos saberes e proporciona aprendizagens diversas.

A questão da contação de histórias como participante da práxis pedagógica não pretende de forma alguma desconfigurar sua função de transmitir beleza, sensibilidade, prazer. Aliás, acredita-se que o caráter artístico da contação de histórias pode servir de elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a contação de histórias pode auxiliar a práxis sem perder seu valor estético e artístico. (MATEUS et al., 2013, p. 66).

De fato, os textos literários possuem extrema importância no desenvolvimento pessoal e social das crianças. Alguns autores mencionam, primeiramente, a influência dos pais nesse processo de autoconhecimento e significação da vida e de si mesmo, tratando da literatura como um dos fios condutores utilizados nesse processo e conceituando-a como uma possível herança cultural proporcionada por eles. Em seguida, a escola dá continuidade a esse processo, iniciado em casa, e proporciona o contato com a leitura, com os livros e com novas histórias. É válido destacar que esse segmento deve ser sempre pautado na produção de sentidos, ou seja, deve ter valor para as crianças, já que, segundo Bettelheim (2000), a aquisição de habilidades, inclusive a leitura, perde todo o seu valor quando aquilo que está lendo não acrescenta em nossa vida, ou seja, não tem nenhuma importância para aquele que está consumindo determinado conteúdo.

Os estímulos proporcionados às crianças, através da imaginação, do envolvimento e da criatividade, possibilitam que elas desenvolvam sua personalidade. Além disso, a leitura tem o potencial de promover um aprendizado significativo, contribuindo para o crescimento e a melhora do desempenho escolar dos indivíduos envolvidos nesse processo. Dado essas afirmações, a escola deve tornar-se um ambiente que incentiva, promove e possibilita a interação real com os contos, as histórias, o mundo imaginário e, principalmente, com os livros, no intuito de inflamar o desenvolvimento integral de seus alunos.

2.3 A figura do narrador

Um aspecto relevante que envolve a ação de contar uma história é a sua capacidade de possibilitar uma transformação temporal, ou seja, a história proporciona um estado de escuta

atenta, que leva narrador e ouvinte para um espaço não convencional. Nesse cenário, o narrador torna-se uma figura expressamente importante na condução dessas histórias. De acordo com Bussato (2010):

Nas diversas civilizações e tradições vamos encontrar a figura do narrador na roda, não apenas como o propagador da sabedoria do povo através da oralidade, mas também como canal que opera o acesso aos diferentes níveis de realidade. [...] o contador de histórias é o ponto de ligação entre as diferentes dimensões do existir. Se o narrador souber conter os significados do conto, põe em prática uma experiência com o sublime, um estado de alma elevado, que transcende a simples observação do real; mas ao perder esta referência, o contato com o simbólico, ele corre o risco de ver sua arte transformada em mais produto de consumo. (BUSSATO, 2010, p. 2).

A presença do narrador representa, desde as antigas civilizações, a conservação e a transmissão de culturas, conhecimentos e saberes presentes nos contos populares. Esses contos, na maioria das vezes suscitados pelos mitos e pelas lendas, conduzem as sociedades na busca pela percepção de si mesmas e do universo como um todo. Além disso, essas histórias expressam uma época que antecede ao surgimento da escrita e, por isso, ficavam guardadas na memória, o que, de acordo com Brito (2021) promove o surgimento do lugar privilegiado pelos anciãos no contexto das culturas orais, visto que eles simbolizam a memória viva de suas comunidades.

Ao tratar da contação de histórias no cenário infantil, é relevante considerar alguns aspectos essenciais para que seja possível promover um momento interativo e agradável entre o contador e as crianças. Atrair o ouvinte para a história que está sendo contada é um dos principais desafios desse momento e, portanto, os gestos, a entonação vocal e a originalidade são alguns dos principais elementos que podem influenciar e auxiliar nesse processo. Além disso, o valor humorístico também deve ser reconhecido, no intuito de aproximar a criança e permitir que ela participe ativamente daquela história. Bergmann e Sassi (2007) revelam que:

A arte de contar histórias que provoquem o riso requer do contador alguns passos: Cabe a ele seguir um ritual, primeiramente a escolha do ambiente, do repertório, do texto a ser lido, contado ou adaptado (enquadrando ao público a que se destina), da escolha de recursos auxiliares (se tiver), o preparo da voz (modulando esta de acordo com os acontecimentos) do uso da improvisação, da criatividade e sobretudo muita disposição e animação. Além, é claro, do senso de humor. Faz-se necessário que o narrador seja atento e sensível a tudo que aconteça – não se esquecendo de usar uma linguagem acessível, sempre provocando a emoção. (BERGMANN; SASSI, 2007, p. 202).

Dessa forma, fica claro a importância de o narrador estar envolvido com a história e, principalmente, com o prazer proporcionado pela leitura. Ao contar uma história, o indivíduo

deve procurar alcançar os seus ouvintes, criando um ambiente acessível para que aquele conto ganhe uma nova forma. Assim, ele define o melhor espaço, a melhor linguagem e o melhor repertório para que aquele momento seja, de fato, significativo.

2.4 Linguagem escrita

A trajetória da linguagem escrita tem sua origem “com a transmissão de mensagens nas paredes das cavernas, através de desenhos e sinais, há cerca de 17 mil anos.” (SOUZA et al., 2015, p. 525). Inicialmente, pode-se dizer que a escrita era figurativa, dado que, de acordo com Souza et al. (2015), as paredes das cavernas eram frequentemente utilizadas como apoio para o desenho das figuras de animais e de cenas de caça, provavelmente por ser um ambiente protegido da ameaça de animais ferozes e de danos externos. Anos depois, essa representação deixou de ser imagem para tornar-se letras, resultando no primeiro alfabeto. A escrita alfabética surgiu na Fenícia, em 1300 a.C., e utilizava cerca de 22 caracteres. Segundo Souza et al. (2015):

O primeiro alfabeto linear se desenvolveu lá por volta de 1.100 a.C., e com as sucessivas invasões que esse território sofreu, seu alfabeto foi utilizado como base para os alfabetos árabe, grego, hebraico e latino, sendo hoje utilizado indiretamente nos alfabetos ocidentais e semíticos. (SOUZA et al., 2015, p. 528)

Dessa forma, os símbolos começaram a ser representados por novos caracteres. Esse sistema de evolução da escrita envolve um processo que está em constante modificação, por acompanhar o desenvolvimento das sociedades, as novas tecnologias e os novos hábitos que surgem com o passar do tempo. Conforme Souza et al. (2015) mencionam:

A evolução do desenho da escrita se processa à medida que a mão do homem passa a gravar, imprimir, traçar, esculpir e pintar pictogramas, fonogramas e letras em cada momento histórico, se adaptando, sucessivamente, a cada tecnologia e suporte que vão sendo desenvolvidos. (SOUZA et al., 2015, p. 526)

A partir desses elementos, um aspecto relevante que envolve a linguagem escrita são os termos “alfabetização” e “letramento”, dado que ambos estão plenamente associados à essa linguagem. Em geral, é comum as pessoas considerarem que o conceito de alfabetização esteja relacionado somente ao processo de ensinar e aprender a ler e a escrever. De acordo com Soares (2014), essa definição foi colocada em debate por volta de 1980, quando as demandas sociais de leitura e escrita começaram a crescer e, apenas “saber ler e escrever”, tornou-se insuficiente, contribuindo com a necessidade de que se ampliasse a compreensão do termo alfabetização.

Diante desse cenário, aliou-se a essa caracterização a utilização adequada da leitura e da escrita nas diversas circunstâncias sociais na qual a linguagem escrita esteja inserida. Logo, saber ler e escrever e, saber corresponder de forma correta, às necessidades sociais onde se aplicam a leitura e a escrita, compreendem processos linguísticos e cognitivos distintos. É a partir dessas concepções que surge o termo letramento. Dessa forma, “alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala” (SOARES, 2014, s.p.). Em linhas gerais, a alfabetização seria a conversão da fala (linguagem sonora) em representações gráficas (linguagem visível), ou seja, o sistema alfabético.

O surgimento do termo letramento associa-se à aquisição e à aprendizagem do sistema alfabético, e fica designado como “o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos”. (SOARES, 2014, s.p.). A palavra letramento pode conciliar, de acordo com a perspectiva adotada, diversas concepções antropológicas, psicológicas e pedagógicas. Além disso, o conceito de letramento se expandiu para diversas áreas do conhecimento, incluindo a educação linguística e a literatura.

Todos esses conceitos abordados, linguagem escrita, alfabetização e letramento, tornam-se polêmicos quando se trata de Educação Infantil. Alguns autores defendem criteriosamente que essa etapa da educação deve estar desassociada do ensino de leitura e de escrita. Entretanto, vale-se considerar que é essencial proporcionar às crianças situações em que elas possam vivenciar e experimentar situações de leitura e de escrita, sem desconsiderar, em momento algum, seus próprios interesses e suas vontades enquanto indivíduos. Dessa forma, é válido dar espaço à linguagem escrita, assim como tantas outras linguagens, no intuito de conduzir o desenvolvimento e conhecimento das crianças, de forma lúdica e atrativa.

A partir dessas considerações surge a conjugação entre o desenvolvimento da linguagem escrita e a contação de histórias. Nesse contexto, a contação exerce um papel lúdico e oferece apoio para que o processo de ensinar e de desenvolver a escrita aconteça mediado pela imaginação, pela fantasia, por diferentes histórias e diversos contextos.

Em síntese, o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de

habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas. (SOARES, 2004, p. 16).

A partir dessas contribuições, fica evidente a necessidade de uma proposta que contemple práticas de ensino em compatibilidade com o contexto na qual elas serão desenvolvidas. Essa afirmação reitera a necessidade de que a linguagem escrita seja incentivada através de eventos que façam sentido para as crianças, que estejam em consonância com suas vivências e seus interesses, para que esse processo possa, de fato, alcançar a produção de sentidos e ser relevante para todos os indivíduos envolvidos.

Diante desses aspectos, o hábito de ouvir e de ler histórias torna-se não apenas uma forma de interação com o mundo, mas também um estímulo essencial para o desenvolvimento das suas múltiplas linguagens. De acordo com Vygotsky (2009):

Palavras e gestos possibilitam transformar uma coisa em outra. É a linguagem que torna possível o faz de conta, a criação da situação imaginária. A criação não emerge do nada, mas requer um trabalho de construção histórica e participação da criança na cultura. A brincadeira infantil é, assim, um lugar por excelência de incorporação de práticas e exercícios de papéis sociais. (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

É fundamental que a imaginação e a singularidade da criança sejam estimuladas, e são as linguagens, oral e escrita, que potencializam esse desenvolvimento. A literatura infantil tem a capacidade de, através dos contos, das rimas de uma poesia, do jogo de palavras, da brincadeira de trava-línguas e das variadas possibilidades de histórias, contribuir com o desenvolvimento da escrita da criança, à medida que elas conhecem e diferenciam letras, sons, sílabas, se apropriam de palavras e, a partir disso, significam imagens.

2.5 Literatura infantil

O conceito de leitura está atrelado à interação do indivíduo com o mundo e com o meio em que ele vive. O hábito de ler permite o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da alteridade. De acordo com Cafiero (2014), a leitura não pode ser considerada apenas como decodificação, ela é também compreensão e crítica.

Nessa atividade o leitor inicia um processo de produção de sentidos, uma vez que relaciona as informações contidas naquele texto aos seus conhecimentos de mundo. O ato de decodificar está intrínseco a esse processo, dado que o indivíduo realiza essa ação juntando letras, formando sílabas e, conseqüentemente, formando palavras. A partir dessa decodificação

e da maturação dos sentidos produzidos pelo leitor, a compreensão do texto torna-se possível e, de acordo com Cafiero (2014) depois de compreender o texto, ele aprecia o que ele diz e alcança a capacidade de se posicionar e realizar críticas ao que está sendo dito.

A leitura pode ser considerada uma atividade cognitiva, visto que, quando os indivíduos estão lendo, dão início a uma série de operações mentais que os permitem analisar, comparar, sistematizar e relacionar os fatos. Mas, além de ser uma atividade cognitiva, ela também é social, se considerarmos que o ato de ler permite uma comunicação entre a história contada pelo escritor e o indivíduo leitor que, apesar da distância, interagem através do texto.

Um aspecto relevante é que a leitura pode, e deve ser, incentivada em todas as etapas do ensino. As instituições devem estar conscientes das contribuições da leitura para os alunos e incentivá-la em todos os níveis de escolaridade. É importante que esse processo aconteça mediante objetivos determinados, visando a busca pelo prazer, pela informação, pela aprendizagem ou simplesmente pela distração. Além disso, diferentes gêneros textuais apresentam diferentes propósitos de leitura e, cada um apresenta sua especificidade e sua eficácia. Dessa forma, é importante conhecer o público a que essa leitura se destina, suas necessidades e sua finalidade.

No campo da Educação Infantil, a leitura é baseada nos clássicos textos de literatura infantil, os quais são essenciais para o envolvimento da criança no processo de aprendizagem. Os textos direcionados às crianças devem ser adequados às suas capacidades e competências linguísticas, que vão proporcionar a produção de sentidos no indivíduo. Cademartori (2014), menciona que:

Um livro de literatura infantil, portanto, constitui uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atende aos seus interesses e respeita as suas possibilidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são apresentados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos e, ao mesmo tempo, superá-las, mostrando algo novo. A literatura infantil apresenta diversas modalidades de processos verbais e visuais. As melhores obras são aquelas que respeitam seu público, permitindo ao leitor infantil possibilidades amplas de dar sentido ao que lê. (CADEMARTORI, 2014, p. 199).

A literatura infantil surgiu no século XVII, quando houve uma reorganização do ensino e a instituição do sistema educacional burguês. O francês Charles Perrault, considerado “pai da literatura infantil”, adaptou contos e lendas da Idade Média e os consagrou como os clássicos contos de fadas. O escritor ficou conhecido como precursor da literatura infantil, reunindo, em uma de suas obras, clássicos como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *Barba Azul*, *O*

Gato de Botas, Cinderela, O Pequeno Polegar, entre outros. A narrativa de Perrault reúne a preocupação educativa e a sua relação com o social. De acordo com Cademartori (2010):

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário, em *O Barba Azul*. Ressalte-se, porém, que não há dissociação entre a literatura oral e a versão culta, os elementos coexistem, processando-se um alargamento do domínio da cultura gráfica, que passa a manter relações de integração com a popular. (CADEMARTORI, 2010, p. 41).

Naquele momento, os livros tinham o objetivo de estabelecer padrões de comportamento instituídos pela classe burguesa dominante, valorizando os princípios e as crenças preestabelecidas naquela época. Atualmente, os livros são utilizados com a finalidade de auxiliar na formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de participar ativamente de questões de ordem política e social de sua sociedade e, não apenas perpetuar padrões predeterminados. Nesse cenário, a escola torna-se um ambiente privilegiado para incentivar e proporcionar o envolvimento das crianças com a leitura, abrindo espaço para que elas desenvolvam e amadureçam suas ideias e a sua personalidade.

Desde cedo, as crianças passam por transformações e modificações que são capazes de potencializar o seu desenvolvimento e estimular a sua forma de percepção do mundo. Através das oportunidades e dos estímulos que lhes são oferecidos pela família, pela escola e pelo meio no qual ela está inserida. Nesse sentido, uma criança que esteja habituada a ler e ouvir histórias e a manusear os livros terá mais chances de adquirir o prazer pela leitura e, conseqüentemente, terá sua imaginação e sua criatividade aguçadas para conseguir expressar claramente suas concepções e suas ideias.

Além disso, a literatura infantil possibilita situações em que as crianças são incentivadas a interagir uns com os outros, com o mundo das invenções, dos contos encantados e do imaginário, o que permite seu desenvolvimento integral e a sua aprendizagem. Nesse cenário, Hernandes (1996), afirma que a literatura infantil se constitui como:

[...] um conjunto de obras nas quais a linguagem seja o essencial e não um instrumento para levar à criança algo diferente do que exige seu mundo interior; um mundo no qual a imaginação é magia que faz de cada realidade uma imagem e de cada imagem uma realidade e na qual a criança constitui-se o rei da natureza e, impulsionado por seu animismo, de um pau faz um cavalo

ou outra criança a quem contar suas histórias. (HERNANDES apud OLIVEIRA, 1996, p. 23).

Ademais, reconhecer a importância da leitura e dos textos de literatura infantil, implica diretamente na caracterização desse hábito como uma prática fundamental para o incentivo à aprendizagem. A literatura nos permite atingir novos ambientes de interação imaginária, ampliando a capacidade cognitiva e desenvolvendo a percepção, a criatividade e a personalidade da criança e do indivíduo leitor.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Pensando em vincular a teoria com a prática, a presente pesquisa constitui-se de um aporte teórico e também da proposta de uma Sequência Didática. E nessa vertente, pode-se definir sequência didática como um conjunto de atividades organizadas, que visam alcançar uma determinada finalidade educativa. Em geral, essas atividades são baseadas em um tipo de gênero textual ou de algum conteúdo específico. A sequência didática pode auxiliar os alunos, no caso do ensino e do desenvolvimento da linguagem escrita, a compreender certos gêneros textuais, além de estabelecer uma melhor comunicação nas diversas situações em que o gênero estudado for empregado. Se tratando da aplicação da sequência em torno de conteúdos específicos, o intuito deve ser a adequação de certos conceitos e metodologias. De acordo com Pessoa (2014):

A partir de uma sequência didática, o professor pode realizar um trabalho articulado em vários eixos de ensino (leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística), bem como organizar os alunos de diferentes maneiras (em pequenos grupos, duplas, individualmente ou coletivamente), de acordo com os objetivos didáticos e as necessidades dos estudantes, possibilitando aprendizagens diferentes. A sequência didática é uma forma de organização do trabalho pedagógico que permite antecipar o que será focado em um espaço de tempo que é variável em função do que os alunos precisam aprender, da mediação e do constante monitoramento que o professor faz para acompanhar os alunos, por meio de atividades de avaliação durante e ao final da sequência didática. (PESSOA, 2014, s.p.).

Para promover a capacitação dos sujeitos nas sociedades letradas é fundamental lhes oferecer recursos para a apropriação de habilidades que os permitam assumir sua autonomia dentro do meio no qual estão inseridos. Considerando que a linguagem e as interações que partem dela são, na maioria vezes, materializadas por textos, as sequências didáticas tornam-se dispositivos que provocam significados ao processo de aquisição da escrita, que vai além da

associação entre grafemas e fonemas. De acordo com Aguiar (2019, p. 51)

[...] a sequência didática consiste num instrumento de planejamento que pode orientar o trabalho do professor com o texto, desenvolvendo sistematicamente as capacidades de linguagem fundamentais para o progresso escolar do aluno. (AGUIAR, 2019, p. 51)

Em alguns casos, o planejamento escolar pode ser identificado com um caráter burocrático, visando apenas amparar as determinações dos sistemas de ensino. Essa realidade provoca uma postura categorizada do professor em relação ao planejamento, especialmente das práticas pedagógicas de alfabetização e letramento. Entretanto, deve-se reconhecer o ato de planejar como um recurso de extrema relevância para a articulação de mecanismos pedagógicos capazes de produzir novas reflexões. Desse modo, a sequência didática constitui-se como uma ferramenta de planejamento que direciona o exercício do professor, evoluindo, de forma organizada, as habilidades linguísticas essenciais para o desenvolvimento do aluno.

Diante dessas concepções, a presente pesquisa apresenta uma Sequência Didática, para crianças da Educação Infantil, entre quatro e cinco anos de idade, a partir da obra “*O monstro das cores*”, escrita e ilustrada pela escritora, ilustradora e arte-terapeuta Anna Llenas. Sua primeira publicação aconteceu no ano de 2012. A história apresenta uma abordagem sobre as diversas emoções do ser humano, como por exemplo, alegria, tristeza, raiva, medo e calma, das quais, cada uma, é representada por uma cor.

FIGURA 1 – Capa da obra *O monstro das cores*



Fonte: Figura retirada do site Indica Livros ²

² Disponível em: <https://www.indicalivros.com/livros/o-monstro-das-cores-anna-llenas>

Na história, *O monstro das cores*, personagem principal da trama, acorda sentindo-se estranho, confuso e aturdido, sem conseguir entender o que estava acontecendo com ele mesmo. Em seguida, uma menina, que não é identificada na história, aparece e começa a ajudá-lo a tentar compreender as suas próprias emoções, que estão muito emboladas e sem funcionar direito. A menina sugere que o monstro separe cada uma delas e coloque-as em seus respectivos potes. Nesse momento, ela começa a explicar cada uma de suas emoções, comparando-as com aspectos da natureza, situações do cotidiano e atribuindo uma cor a cada uma delas. A alegria é representada pela cor amarela, a tristeza pela cor azul, a raiva pela cor vermelha, o medo pela cor preta, a calma pela cor verde e o amor pela cor rosa. No final do livro todas as emoções já estão organizadas, separadas de acordo com suas cores e em seus devidos lugares, o que faz elas funcionarem melhor.

A escolha dessa obra se deu pelas inúmeras possibilidades e temáticas que podem ser trabalhadas a partir de um único livro. Nessa história, as crianças podem aprender a lidar com suas emoções, reconhecer fenômenos que, provavelmente, estão presentes em seu cotidiano e determiná-los como bons ou ruins, além de reforçar a capacidade de identificação e diferenciação das cores. A obra também permite que os alunos façam uma reflexão sobre suas sensações, sobre como se sentem em determinadas situações e como se comportam. Esses conceitos são essenciais para que as crianças aprendam a lidar, identificar e comunicar os seus sentimentos, abrindo espaço para a sua constituição enquanto sujeito autônomo.

A sequência didática é um objeto de estudo que pretende conquistar dada finalidade educativa. Deste modo, ao propor que uma criança desenvolva suas habilidades de escrita é essencial que o professor se dedique a esse aspecto visando, principalmente, o pleno desenvolvimento da criança. O processo de aquisição das linguagens, tanto oral quanto escrita, nesse caso, será mediado pelo livro de histórias e pela ação docente, ambos fundamentais para a apreensão de novos sentidos e conhecimentos.

Tratando das emoções, considerando que o livro utilizado nessa sequência aborda essa temática, o papel do outro torna-se peça essencial para que os significados sejam possíveis. De acordo com a BNCC (2018), uma das competências gerais para a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) reforça a importância de que a criança reconheça seus sentimentos e seja capaz de lidar com cada um deles, quando menciona:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. (BRASIL, 2018, p. 10).

Além disso, é relevante mencionar que as cores, fortemente apontadas no livro, também são objetos de estudo essenciais para os alunos entre os quatro e cinco anos de idade. Com base na BNCC (2018), que prescreve como direito de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.” (BRASIL, 2018, p. 37).

A partir dessas associações, a proposta de sequência didática aqui representada, conta com dez atividades e objetiva favorecer o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças, o reconhecimento das emoções e a identificação da diversidade das cores. Essa abordagem será realizada a partir do livro de literatura infantil, com foco na intervenção lúdica. A leitura do livro deve acontecer no ambiente da escola no qual o (a) professor (a) julgar mais adequado, onde seja possível que todas as crianças visualizem e compreendam a história. Além disso, é válido mencionar que em todas as atividades estão sinalizadas os principais objetivos de aprendizagem de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

ATIVIDADE 1

A primeira proposta dessa sequência objetiva incentivar a mediação docente através do diálogo com as crianças. Para tanto, é importante iniciar o trabalho antes mesmo de contar a história. Esse momento de intervenção deve acontecer com perguntas básicas para as crianças, como por exemplo: “O que são emoções?”, “Quais emoções vocês conhecem?”, “Como vocês estão se sentindo agora?”, “O que os deixa alegres, tristes, com raiva ou com medo?”. Além disso, deve-se apresentar as cores apontadas no livro, questionando às crianças o nome de cada uma delas, quais os outros objetos que elas identificam, no espaço em que elas estão, que são da mesma cor que aquelas citadas no livro, entre outras possíveis perguntas. Realizar um diálogo prévio com as crianças pode ser considerada uma prática com o potencial de favorecer a familiarização das crianças com o conteúdo abordado pela obra que será apresentada a elas. Essa abordagem contribui, para além das habilidades linguísticas orais, com o estímulo de um espaço de discussão articulado e mediado pela figura do educador, que incentiva a exploração e o questionamento, levando a uma compreensão da narrativa que seja, de fato, significativa.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EO04)* Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

ATIVIDADE 2

Em seguida, o (a) professor (a) deverá apresentar o livro para as crianças, suas ilustrações, a capa, seus personagens e suas cores, ainda proporcionando um momento de envolvimento das crianças com aquela história que elas vão ouvir. Depois dessa interação, a história deve ser contada, de forma lúdica, mostrando para as crianças cada momento e cada acontecimento da narrativa. É importante que elas interajam, questionem e sejam sujeitos ativos nesse momento de contação, visando estabelecer o contato e a compreensão das crianças com a história e com o livro em si. Ao terminar a contação, se possível, o docente deve possibilitar que as crianças manuseiem o objeto, para que elas possam visualizar o livro de perto e, da mesma forma, visualizar com clareza as ilustrações.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EO03)* Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

ATIVIDADE 3

Após essas intervenções, propõe-se que seja realizado um momento de reconto oral da história narrada, ou seja, deve-se propor às crianças que elas contem novamente a história, com suas palavras e da forma que elas compreenderam, para a turma toda. Esse momento deve ser único para cada criança, deve ser respeitado o tempo e a forma como cada uma irá expor a sua compreensão da leitura. O foco nesse momento é explorar a fala das crianças e o incentivo ao desenvolvimento da oralidade. A linguagem oral é essencial no desenvolvimento da linguagem escrita, por isso, ao proporcionar momentos em que a criança fale, incentivamos o desenvolvimento dela com as palavras e com os sons que ela emite, o que vai ser fundamental para que ela desenvolva a escrita de palavras, considerando que a escrita é uma associação entre a linguagem falada, que é transformada em símbolos, ou seja, as letras, no momento de escrever.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EO04)* Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de

encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

ATIVIDADE 4

A próxima proposta de atividade é a realização de um reconto escrito coletivo. Esse exercício é extremamente estimulante para as crianças, considerando que ela promove o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da cooperação. Nessa experiência, as crianças são convidadas a recontar a história de forma colaborativa, cada uma contribuindo com suas próprias ideias e perspectivas. Esse processo não apenas fortalece as habilidades de expressão oral, mas também introduz os pequenos ao universo da escrita, à medida que participam ativamente na construção da narrativa. Além disso, o reconto escrito coletivo fomenta um ambiente inclusivo, no qual as crianças aprendem a ouvir e respeitar as contribuições dos colegas, criando uma atmosfera lúdica e educativa que favorece o desenvolvimento integral dos pequenos escritores em formação. Nesse processo, o professor (a) pode usar uma folha A4 branca, e permitir que cada uma das crianças faça as suas contribuições, seja por meio de desenhos ou de letras (dado que elas ainda não dominam a escrita), sobre a história narrada,

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EF05)* Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

ATIVIDADE 5

Ainda no contexto de exploração da fala como elemento fundamental para o incentivo da linguagem escrita, a próxima proposta sugere a utilização da música com o intuito de incentivar a oralidade das crianças. A música escolhida chama-se *Emoções no Comando*³ de Patrícia P. Pandolfe, e aborda emoções como: alegria, raiva, tristeza e medo. O conteúdo da música está relacionado com a história que foi contada para as crianças. Essa relação visa utilizar a música como dispositivo de desenvolvimento da oralidade, essencial para a associação de sons e palavras que compõem o processo de desenvolvimento da linguagem escrita e, além disso, reforçar a temática das emoções que já está sendo trabalhada a partir do livro *O monstro das cores*.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IXnFsUg-3g>

Nesse momento, o (a) professor (a) deve ensinar a música para as crianças, usando algum dispositivo de áudio de sua preferência e explorando as expressões faciais que são propostas pela canção. As crianças devem se sentir envolvidas por esse momento, logo, deve-se permitir que elas cantem, expressem e brinquem com esse momento lúdico. A música pode, e deve, ser repetida quantas vezes forem necessárias, para que elas memorizem a letra e para que, de fato, explorem a oralidade. É importante que o ambiente seja um lugar de apoio para que as crianças se sintam seguras para falar e cantar, mesmo que cometam erros, visto que esse é um momento de aprendizagem mediado pela ludicidade.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: (EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

FIGURA 2 – Letra da música *Emoções no Comando*

ESCOLA: _____
 NOME: _____
 DATA: ____/____/____

"QUANDO CANTAMOS QUANDO ESTÁ A LETRA DA MÚSICA "EMOÇÕES NO COMANDO", PARA QUE VOCÊ POSSA APRENDER E CANTAR JUNTOS COM OS SEUS COLEGAS!"

	EMOÇÕES NO COMANDO	INSTRUÇÃO P. MANULITE
	QUANDO EU ESTOU FELIZ EU FAÇO ASSIM QUANDO EU ESTOU FELIZ EU FAÇO ASSIM ASSIM, ASSIM, ASSIM ASSIM, ASSIM, SIM, SIM	
	QUANDO EU ESTOU COM RAIVA EU FAÇO ASSIM QUANDO EU ESTOU COM RAIVA EU FAÇO ASSIM ASSIM, ASSIM, ASSIM ASSIM, ASSIM, SIM, SIM	
	QUANDO EU ESTOU SEM TRISTE EU FAÇO ASSIM QUANDO EU ESTOU SEM TRISTE EU FAÇO ASSIM ASSIM, ASSIM, ASSIM ASSIM, ASSIM, SIM, SIM	
	QUANDO EU ESTOU COM MEDO EU FAÇO ASSIM QUANDO EU ESTOU COM MEDO EU FAÇO ASSIM ASSIM, ASSIM, ASSIM ASSIM, ASSIM, SIM, SIM	
	VOLTAR A FICAR FELIZ E FAÇO ASSIM VOLTAR A FICAR FELIZ E FAÇO ASSIM ASSIM, ASSIM, ASSIM ASSIM, ASSIM, SIM, SIM	

Fonte: Da autora (2023)

ATIVIDADE 6

A sexta atividade dessa sequência visa incentivar a ação motora das crianças, através das mãos e dos dedos. Para tanto, a ideia é que as crianças façam um desenho, em um folha de papel A4 branca, sobre a música que foi cantada anteriormente. O ato de desenhar envolve o domínio dos músculos das mãos e dos dedos, o que é fundamental no momento de escrever, visto que a criança começa a se familiarizar com os movimentos básicos para a escrita, a segurar o lápis da forma adequada e a treinar sua concentração. Essas funções antecipam o conhecimento das letras e das palavras em si, além disso, também é essencial para que as crianças executem outras atividades do dia a dia, como por exemplo, manusear objetos pequenos, fazer laços e amarrar cadarços. Essa atividade também é uma forma de explorar a criatividade e a autonomia das crianças.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03TS02)* Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

ATIVIDADE 7

Em seguida, propõe-se uma atividade que tem como eixo central a escrita de palavras. Nessa atividade, orienta-se que as crianças escrevam, espontaneamente, os nomes das cores representadas em cada potinho. Propor exercícios que encorajem as crianças a expressar-se por meio da escrita, mesmo que ainda não dominem totalmente esse sistema, é de extrema importância para o desenvolvimento da linguagem escrita na educação infantil. Ao proporcionar um ambiente que valoriza as tentativas criativas e espontâneas, estamos estimulando não apenas a habilidade de escrever, mas também promovendo a construção de um vínculo positivo com a linguagem. Essas atividades, muitas vezes baseadas em desenhos, símbolos ou palavras inventadas, permitem que as crianças explorem a escrita como uma ferramenta de comunicação pessoal, desenvolvendo a confiança e a autoexpressão.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EF09)* Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

FIGURA 3 – Folha de atividades 7

ESCOLA: _____
 NOME: _____
 DATA: ____/____/____

NAS LINHAS ABAIXO, ESCREVA A INICIAL DE CADA COR REPRESENTADA NOS POTINHOS:









Fonte: Da autora (2023)

ATIVIDADE 8

Em continuidade ao processo de escrita de palavras espontâneas, a oitava atividade sugere que as crianças criem nomes para os monstros e escreva-os nos espaços indicados. Ao envolver as crianças na atribuição de nomes para os monstros, a atividade promove a expressão individual, estimulando a imaginação e a inventividade. Esse processo não apenas fortalece a habilidade de escrita espontânea, mas também fomenta a conexão entre a linguagem escrita e a criação de significados pessoais. As crianças, ao escolherem nomes para os monstros, praticam a identificação e desenvolvem habilidades fundamentais para os futuros processos de escrita.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

FIGURA 4 – Folha de atividades 8

ESCOLA: _____ NOME: _____ DATA: ____/____/____	
ESCREVA, DO SEU JEITO, OS NOMES QUE VOCÊ IRÁ CRIAR PARA CADA MONSTRINHO ABAIXO:	
	
	
	
	

Fonte: Da autora (2023)

ATIVIDADE 9

Como parte do processo de desenvolvimento da coordenação e da criatividade da criança, a próxima atividade propõe que as crianças façam um desenho que represente a emoção que cada uma delas estão sentindo. Essa proposta compõe o quadro de atividades que exploram o tato e a função motora, com foco no uso das mãos e dos dedos. O desenho colabora com a criação e a exploração de traços e formas, o que conduz a criança para o desenvolvimento da linguagem escrita. Além disso, essa é uma maneira de proporcionar um momento de criação para as crianças, no qual elas podem expressar sentimentos, desejos, gostos e expor temas que fazem parte do seu cotidiano.

Para a realização desse exercício, o (a) professor (a) deve explicar o que deve ser feito e deixar claro para as crianças que elas podem desenhar o que julgarem ser melhor para representar as suas emoções, do dia em questão. A partir disso, o (a) docente pode disponibilizar uma folha A4 branca, lápis de escrever e de colorir, e deixar esse momento completamente

livre, para que seja, de fato, significativo para as crianças.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: (EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

ATIVIDADE 10

A última atividade dessa sequência tem o objetivo de retomar todo o processo vivenciado a partir das propostas que serão desenvolvidas. Nesse sentido, esse momento seria de interação entre o (a) professor (a) e as crianças. É importante avaliar se as aprendizagens adquiridas pelas crianças foram realmente significativas e, para tanto, deve-se organizar um momento de conversa com elas. Um ponto de partida fundamental é iniciar essa conversa com perguntas norteadoras, primeiramente sobre a história utilizada como base dessa sequência didática, logo, é válido questionar as crianças sobre as cores, sobre as emoções e sobre os personagens. Para essas perguntas, pode-se utilizar objetos de cores variadas e perguntar para as crianças: “Quais cores são aquelas? Quais cores vocês (as crianças) mais gostam? Quais elas menos gostam? Quais cores elas consideram que sejam alegres? Quais são, para elas, bonitas ou feias?”. Em seguida, deve-se inserir nessas perguntas as emoções, podendo fazer o uso de expressões faciais, ou de plaquinhas, cada uma representando uma emoção, e começar a questionar: “O que cada expressão, ou plaquinha, representa? Qual representa felicidade, tristeza, medo, raiva, calma ou amor? Como vocês (as crianças) estão se sentindo nesse dia? O que os deixa (as crianças) alegres, tristes, com medo ou com raiva?”. Essas são algumas opções para concluir o trabalho desenvolvido e, além disso, é importante que o (a) docente observe se as crianças desenvolveram maior compreensão sobre a temática trabalhada, dado que, no início do processo, também foram feitas algumas dessas perguntas para as crianças, possibilitando que o (a) educador (a) avalie o progresso das crianças através das suas respostas.

Com relação aos aspectos orais e motores, explorados nessa proposta, deve ficar claro que a intencionalidade é o progresso individual das crianças, ou seja, o propósito é que elas adquiram novas habilidades que serão usadas futuramente e que irão contribuir para o início do seu processo de escrita. Dessa forma, a avaliação diz respeito ao processo e às contribuições significativas que essas atividades podem proporcionar para as crianças, sem exigir uma evolução além da sua zona de desenvolvimento ou incitar que elas alcancem uma finalidade predeterminada, para cada uma delas.

Objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC: *(EI03EO03)* Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou a relação que a prática de contação de histórias exerce sobre o desenvolvimento da linguagem escrita, no contexto da Educação Infantil. Todos os aspectos mencionados nesse estudo revelam como a leitura e as histórias colocam a criança em contato com o seu imaginário, abrindo as portas para que o objeto lúdico possa ser explorado. Ao proporcionar o contato da criança com a ludicidade, fazemos com que o universo infantil seja colocado em foco, o que promove a interação, a comunicação e o envolvimento da criança com aquilo que está sendo abordado.

O foco na linguagem escrita, apontado nessa pesquisa, revela a importância de promover o desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita como elementos fundamentais para que a criança seja inserida no contexto cultural do meio em que ela vive. Incentivar o desenvolvimento dessas capacidades promove a interação do indivíduo com a sociedade, ou seja, essas práticas fazem com que, desde cedo, as crianças entendam o funcionamento dos textos, suas necessidades, utilidades e a forma como são aplicados no nosso cotidiano. Um exemplo é que, desde cedo, a criança saiba que ela possui um nome e que, este nome, pode ser materializado em um papel através de letras, e não apenas através do som que ela transmite e que ela ouve.

Um aspecto relevante a ser mencionado é que, toda essa pesquisa não se dedicou em alfabetizar crianças da Educação Infantil, considerando que, à essa etapa de ensino não deve ser atribuída essa necessidade como centro das aprendizagens das crianças. Ler e escrever na educação infantil é colocar a criança em contato com a linguagem escrita. Nesse cenário, as atividades propostas na sequência didática visaram iniciar o processo de escrita a partir de habilidades básicas que devem ser adquiridas, antes mesmo do indivíduo dominar completamente o processo de escrever. Dessa forma, o intuito foi incentivar as capacidades essenciais para a exploração desse sistema, como por exemplo, a oralidade, as capacidades motoras, a concentração, o manejo do lápis, o uso dos dedos, a criatividade e a escrita espontânea. Todas essas capacidades devem ser trabalhadas sem prematurar os objetivos que são próprios do Ensino Fundamental e respeitando as habilidades adequadas para a Educação Infantil. A abordagem deve ser feita visando o conhecimento do aluno e o seu desenvolvimento, sendo pautada no respeito às suas especificidades e as suas necessidades, compreendendo que cada criança deverá ter o seu tempo e poderá gozar das suas aprendizagens de acordo com os

limites apresentados por cada uma. A alfabetização não foi o foco desse trabalho, o que propõe explorar ainda mais as individualidades e as características de cada criança.

A contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento dessa pesquisa revela-se no aspecto lúdico provocado pelas histórias e pelos contos. Trata-se aqui de colocar a criança em um ambiente adequado para ela, no qual ela se sinta atraída e envolvida pelo contexto que o mediador está criando. Nesse cenário, a criança se envolve com a história narrada, conhece os personagens, interage com eles e com as situações propostas pelos livros e, diante disso, memoriza e consegue desenvolver uma relação que a aproxima diretamente daquele contexto. Dessa forma, quando o (a) professor (a) introduz as atividades, baseadas na história que foi contada, a criança pode se sentir mais confiante e mais próxima daquela proposta, sendo mais atrativo e mais coerente com aquilo que lhe foi contado em outro momento. Parte daí a compreensão de como a prática de contação de histórias pode favorecer e influenciar diretamente o desenvolvimento da linguagem escrita. A junção entre o lúdico e o teórico, representado pelas atividades escritas, facilitam o processo de aprendizagem da criança, uma vez que as atividades tornam-se significativas para os alunos e, conseqüentemente, todo o processo de ensino.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. E. L. de; BENATTI, M.. Estudo do IDOR revela que contação de histórias reduz estresse e aumenta produção de ocitocina em crianças hospitalizadas. **IDOR**, 2021. Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/instituto/idor/estudo-do-idor-revela-que-contacao-de-historias-reduz-estresse-e-aumenta-producao-de-ocitocina-em-criancas-hospitalizadas/>. Acesso em: 04 set.2023.
- AGUIAR JÚNIOR, D. B. de. Sequências didáticas produzidas por professores alfabetizadores: (re)significação do processo de formação docente. 2019. 149 p. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/34823>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- ALBUQUERQUE, E. B.; LEITE, T. M. Explorando as letras na Educação Infantil. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 93-115, 2010.
- BERGMANN, L. M.; SASSI, R. G. O humor na literatura infantil. **Educação Unisinos**, v. 11, n. 3, p. 200-205, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5723>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BRASIL, MEC; CNE, CEB. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. **Resolução CEB-CNE**, Brasília: MEC, SEB, v. 1, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília, DF: MEC, SEB, 2006. 32 p.
- BRITO, N. M. B. de. **Contação de história**: criação de narrativas e oralidade. 2021.
- BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.
- BUSATTO, C. **Narração oral de histórias o simbólico no conto– (a) ponte para o sagrado**. 2010.
- CADEMARTORI, L. Literatura Infantil. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.). (Org.). **Glossário Ceale**: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014, v. 1, p. 199-200. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/l-gia-cademartori>. Acesso em: 18 out. 2023.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. Brasiliense, 2010.

CAFIERO, D. Leitura. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.). (Org.). **Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014, v. 1, p. 167-168.
<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 18 out. 2023.

CARVALHO, M. F.; PEREIRA, V. M. Saberes e práticas do professor-contador de histórias: vivências de letramento literário na pré-escola. **Horizontes- Revista de Educação**, v. 4, n. 7, p. 204-215, 2016.

ESPÍNDOLA, C. dos S.; NOGUEIRA, G. M. Leitura e escrita na educação infantil: as histórias como estratégia de inserção no universo escrito. **Educação em Foco**, v. 27, n. 1, p. 27019-27019, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36108>. Acesso em: 17 set. 2023.

FARIA, I. G. de; FLAVIANO, S. L. L.; FALEIRO, W.; GUIMARÃES, M. S. B. A influência da contação de histórias na Educação Infantil. **Mediação**, Pires do Rio – GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017. Disponível em:
<https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368>. Acesso em: 06 ago. 2023.

LLENAS, A. **O monstro das cores**. Nuvem de Letras, 2018.

MATEUS, A. do N. B. et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 5, n. 1, 2013.

OLIVEIRA, M. A. de. **Leitura Prazer: Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.

PANDOLFE, P. P. Emoções no Comando - Música – Doremipaty. YouTube, 2021.
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IXnFsUg-3g>. Acesso em: 04 set. 2023.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PESSOA, A. C. R. G. Sequência didática. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 1ªed. Belo Horizonte: faculdade de educação UFMG, 2014, v., p. 301-302. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica>. Acesso em: 18 out. 2023.

PINHEIRO, M. O.; ZIEDE, M. As contribuições da educação infantil para o desenvolvimento da criança. **Revista eletrônica da unifebe**, v. V2, p. 76-99, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/339>. Acesso em: 23 set. 2023.

REIS, Maria Leila da Silva dos; COSTA, Cristiane Dias Martins da; SILVA, José Carlos Aragão. Ludicidade na educação infantil: aprendizagem e desenvolvimento no Centro de Educação Infantil em Codó, Maranhão. **Revista Humanidades e Inovação**. v.8, n.34. 2020.
 Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5037>.

Acesso em: 23 set. 2023.

SANTOS, R. A.; ARAUJO, J. F. S. de.; SANTOS, C. G. A aquisição da linguagem escrita na Educação Infantil. In: V Congresso Nacional de Educação, 2018, Campina Grande. **Anais do V Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize, 2018. v. 1.p. 1-12.

SILVA, G. K. A. da, et al. A contação de histórias como ferramenta que estimula o envolvimento da criança à leitura. **Editora Realize**, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58123>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SILVA, M. de J. M. A literatura infantil como recurso para aquisição da linguagem da criança. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino–ENDIPE**, v. 16, 2012.

SOARES, M. Alfabetização. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.). (Org.). **Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 04 set. 2023.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, p. 5-17, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWDHRkRxrZk/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOARES, M. Letramento. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.). (Org.). **Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 04 set. 2023.

SOUSA, J. P. de. Contação de história: contribuição para o desenvolvimento da socialização e aprendizagem de crianças da educação infantil. Livroamento, João Pessoa: UFPB, 2014. **Monografia** (graduação em Pedagogia – modalidade a distância). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4226/1/JPS06022015.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

SOUZA, L. A.; DOS SANTOS FILHO, E. F.; TRINCHÃO, G. M. C. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à Idade Média. **XI Seminário de Pós-Graduação em**, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.